

WALTER BENJAMIN NO BRASIL

Nélia Mara Resende Macedo¹
Núbia de Oliveira Santos²

JOBIM E SOUZA, Solange e KRAMER, Sonia. (Orgs.). *Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC-Rio, 2009.



O impacto do pensamento de Walter Benjamin na produção acadêmica do Brasil e a celebração dos vinte anos das primeiras publicações da obra do autor em língua portuguesa motivaram a realização do “1º Colóquio Itinerários de Walter Benjamin no Brasil”, organizado por Solange Jobim e Sônia Kramer na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em abril de 2007. As mesas de debate foram compostas por pesquisadores que, no percorrer de seus itinerários da vida pessoal e acadêmica, têm se debruçado sobre o legado de Walter Benjamin sob diferentes perspectivas, abordagens e campos disciplinares. Desse evento de 2007, nasceu o livro aqui apresentado, com o objetivo de materializar os debates e as análises desenvolvidas naquela ocasião.

Logo na apresentação do livro, Solange Jobim e Sonia Kramer introduzem o leitor nas marcas da trajetória de vida de Walter Benjamin e de como estas se manifestam em seus escritos. Os caminhos teórico-metodológicos que o fizeram optar por uma escrita em fragmentos, sua idéia de totalidade que se revela no cotidiano, seu conceito de infância e de linguagem, categorias centrais na sua concepção de história, que questiona a visão evolucionista do progresso e da história oficial. É a partir da concepção de linguagem proposta por Benjamin que se destaca o papel da rememoração, da reminiscência e do historiador. *A história é compreendida não como linearidade mecânica, mas no entrecruzamento de presente-passado-futuro; a história é entendida como narrativa.* (p.11).

As organizadoras tratam de se utilizar da imagem benjaminiana do mosaico para expressar a riqueza do Colóquio em promover o diálogo entre pesquisadores de trajetórias distintas, e assumem a tarefa arbitrária de agrupar os catorze textos em três partes: *História, Política, Filosofia; Literatura, Corpo, Cidade; e Infância, Linguagem, Educação* no intuito de conferir ao livro uma estrutura baseada no próprio Colóquio que o originou. Seria uma proposta de ordenação que se oferece como itinerário para se lançar na leitura? Com 310 páginas, a obra reúne 14 ensaios de diversos autores e perpassam distintos campos disciplinares como filosofia, educação, história, arte, literatura.

Embora tenhamos optado por comentar os textos do livro nesta ordem proposta pelas organizadoras, apostamos com Benjamin no desvio como caminho mais fértil para

¹ Pedagoga e Mestre em Educação pela UERJ. Professora do Colégio Pedro II.

² Pedagoga pela UERJ. Doutoranda em Educação – PROPEd-UERJ. Professora da Pré-escola do Instituto Superior de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

o conhecimento e propomos ao leitor arriscar-se numa leitura “desordenada” das partes, recuperando a própria imagem do mosaico. É neste ponto que reside uma das riquezas do livro. Ainda que seja possível nos depararmos com os mesmos conceitos trabalhados ou “repetidos” dos fragmentos da obra de Benjamin utilizados em diversas citações, nota-se a particularidade de cada apropriação das ideias do autor, o que faz como que cada ensaio destaque-se pela sua unicidade, singularidade dos caminhos e olhares que somente cada pesquisador poderia imprimir à sua escrita. Assim, dependendo da ordem que se elege para arrumar as peças desse mosaico, surgem infinitas possibilidades de aproximações, distanciamentos e desdobramentos dos conceitos benjaminianos, numa espécie de movimento constante de interlocução entre os autores e leitores que pode ganhar novos contornos ao se desprender de uma leitura seqüencial do livro. A inspiração para tal provocação deve-se, sobretudo, ao texto que inicia o livro, “*As Passagens de Walter Benjamin: um ensaio imagético*”, de Willi Bolle. O autor do posfácio à edição brasileira da obra “*Passagens*” incita a pensar outras formas de ler o mundo propondo um novo olhar e uma nova percepção espaço-visual, que não pode ser narrada, apenas sentida. Utilizando recursos da mídia eletrônica, o texto de Bolle apresenta uma interação entre texto e imagem que alia conteúdo e forma para apresentar e problematizar o projeto benjaminiano de uma historiografia da cidade centrada na questão imagética.

O ensaio redimensiona a tônica das “*Passagens*” sob a forma de hipertexto, já antecipada e experimentada por Walter Benjamin na sua inovadora forma de organizar e arquivar o conhecimento. Bolle faz uma espécie de releitura desta proposta, destacando que toda organização do saber se dá em forma de uma história polifônica a partir de fios entrelaçados da história política, social e econômica, da história da técnica, da arte, da mídia, da literatura... Assim, apropriando-se dos recursos tecnológicos disponíveis hoje, Bolle mescla fragmentos e imagens que compõem a obra original de Benjamin com outras selecionadas por ele mesmo, de fotos a mapas de cidades coletados do *site Google Earth*. No texto, imagens do passado dialogam com as do presente entrelaçando a forma de apresentação de um saber histórico com a proposta de um novo método historiográfico.

Tendo sido essa proposta cunhada em as “*Passagens*” a partir da cidade de Paris, o texto de Olgária Matos aponta como os processos de criação e formação das cidades, desde as Repúblicas Gregas às cidades modernas, atravessam a obra de Benjamin em diferentes momentos. O texto “*Walter Benjamin: polis grega, metrópoles modernas*” enfatiza a crítica benjaminiana ao processo de privatização do espaço público e do progresso tecnológico, passando pelo empobrecimento das experiências, o desaparecimento de suportes objetivos da memória, as transformações na percepção do tempo, a negação da tradição – ecos de uma crítica ao capitalismo e à sociedade de massas.

Os impulsos de Walter Benjamin para uma crítica à burguesia, contra o capitalismo e o interesse pela luta de classes viriam não só da feição peculiar à revolução advinda de uma experiência de atividade política quando era jovem, mas, como explica Leandro Konder em “*Benjamin e o Marxismo*”, das aproximações do filósofo com o movimento comunista através de Lukács. Konder analisa que concepções marxistas mais ortodoxas sacrificaram a dimensão filosófica de conceitos como *dialética* e *práxis* e avalia que, embora Benjamin não tenha se dedicado a este último conceito de maneira particular, o horizonte permanente de seu marxismo era o conceito de *práxis*. A percepção sobre a necessidade de pensar agindo e agir pensando traduz sua implicação em atuar politicamente sobre o mundo a partir de uma atividade criadora e compatível com as aspirações da humanidade. Mas esse traço crítico do

pensamento benjaminiano não se limita ao desejo de revolução contra o modo de produção capitalista, mas vai além do Marxismo, como bem pontua Kátia Muricy em seu ensaio “*A alegoria e o inexpressável*”. A autora analisa como Walter Benjamin se utiliza de uma dialética da linguagem ao superar a relação causal da expressão da economia na cultura, considerando o caráter expressivo dos primeiros produtos industriais em sua relação com a cultura que lhe era contemporânea. Ao recorrer às categorias de *belo* e *sublime* para pensar o inexpressável em Benjamin, Muricy é conduzida à noção de alegoria, que qualifica a estética do autor e rompe com a ilusão do belo. Seu caráter fulgurante, fugidio, instaura a crítica e situa o inexpressável como elemento reflexivo da obra de arte que espera a palavra salvadora da crítica, resgatando o caráter político da obra para romper com as forças míticas da aparência e, num ato político, conduzir à verdade.

O texto que abre a segunda parte do livro, “*Literatura, Corpo, Cidade*”, aborda um olhar que focaliza a cidade do Rio de Janeiro sob a ótica de Lima Barreto, no período da *Belle Époque* carioca (1881 a 1922). Maria Luiza Oswald em seu ensaio “*Cidade, memória e pesquisa: um percurso com Walter Benjamin*”, parte da perspectiva da filosofia da história deste pensador alemão, para olhar aquele período como guia na compreensão das tensões existentes entre escola e literatura hoje. É numa perspectiva benjaminiana de pensar um outro acabamento para a história de gente humilde, contada por Lima Barreto que a autora toma sua obra teórico-metodológica, enquanto memória e origem que permite, *escovar a história a contrapelo*. Na busca de fugir de uma visão historicista, olha as manifestações culturais dos jovens urbanos – grafite, *funk*, *hip-hop*, *rap*, pagode – como um encontro com sua linguagem, um método de pesquisa, um modo ético de inclusão do outro.

Nesta mesma linha, Marcelo Ferreira percorre os itinerários do escritor Mia Couto em sua busca pela África em lugares diferentes nas memórias inventadas por personagens para problematizar a experiência na cidade contemporânea. Em seu ensaio “*Uma varanda em África, quando o corpo é também continente*”, sob a prerrogativa de entender os espaços da cidade ocupados por homens homossexuais a partir de suas narrativas, Ferreira anuncia utilizar a obra de Benjamin como uma varanda para olhar os indivíduos com quem pesquisou e ler a cidade onde habitam. Neste trabalho, o autor apropria-se de diferentes noções de Benjamin para fundamentar teórica e metodologicamente sua pesquisa e seu lugar de pesquisador para enfrentar o tema. Buscando o corpo como lugar de memórias de um espaço privado que ganha sentido histórico, reportando-se à “*Infância em Berlim por volta de 1900*”, Ferreira também remete-se aos textos de Benjamin sobre a Paris do século XIX em que tece uma historiografia da cidade a partir de suas percepções da época, passa pela problematização do conceito de experiência e pela figura do *flanêur* para propor, antes de tudo, uma discussão histórica. Seu texto tece uma crítica à situação de invisibilidade e desolação dos homens homossexuais no espaço da cidade pensando a questão sob a perspectiva crítica benjaminiana à uma história hegemônica, linear e pautada na ideologia do progresso.

Esse tom similar de reivindicação e manifestação política é encontrado também no texto de Gamba Jr. intitulado “*Manifesto 15 de agosto*”. Nele, o autor discute as novas experiências estéticas e narrativas reconfiguradas pelos inúmeros recursos multimídia que nos são contemporâneos. Sob essa perspectiva, pensa a produção cultural como atividade criadora em que é possível assumir a responsabilidade política e concebe o espaço urbano, também a partir de Benjamin, como local privilegiado para ocupação e ação. Para tal, apresenta e analisa o processo de criação e execução do evento que dá nome ao texto, realizado em 2006, no Rio de Janeiro, numa demonstração

de criação artística marcada pela posição política e motivada pela demanda de alterar o cotidiano pela melancolia benjaminiana.

O texto “*Walter Benjamin e a Infância da linguagem: uma teoria crítica da cultura e do conhecimento*”, apresentado por Solange Jobim dá ao leitor, o tom da terceira parte intitulado *Infância, Linguagem e Educação*. Os textos aqui apresentados confirmam uma proposta de mostrar especialmente, o lugar privilegiado da infância e da linguagem na obra de Walter Benjamin, entremeando as idéias de educação que seu pensamento suscita. A relação entre *sujeito, verdade e linguagem* trazida por Jobim e Souza é discutida de maneira cuidadosa e conduz o leitor num mergulho sobre os dilemas da produção de conhecimento enfrentados pelas ciências ao longo de sua história. Destaca-se o resgate da dignidade da *linguagem* pelo compromisso e responsabilidade das ciências humanas com um outro *conceito de verdade*. Ainda neste texto, a autora dialoga com Agamben sobre o a concepção de infância em Benjamin. Esta é concebida como possibilidade de resgate da pura expressão, é na infância que a linguagem humana surge como significação. Assim, é na linguagem que reside a concepção de infância. Também a alegoria em Benjamin é tomada como uma forma de verdade. Aqui, o conceito de mônada como possibilidade de leitura do particular, na sua relação com o universal só é possível pela presença da dimensão alegórica que se encontra no particular, ou seja, o sentido escondido que precisa ser desvelado. No que se refere à montagem literária da obra de Benjamin, Jobim e Souza traz a citação enquanto diálogo entre textos, que permite o encontro e o desencontro de ideias no espaço e no tempo. A citação para Benjamin, como bem coloca a autora, é uma forma de recuperar, em um novo contexto, a verdade contida na palavra alheia. Esta ideia é utilizada pela autora para definir a questão epistemológica da obra de Benjamin na compreensão da concepção de *método como desvio*. Este, enquanto percurso metodológico adotado Benjamin, abdica de um pensamento linear, previsível, e vai em busca de um pensamento hesitante, que pára, retorna, vem de novo, se coloca disponível ao inusitado. O *caminho indireto* do *desvio* seria, portanto: *extrair as palavras e as idéias do fluxo, onde elas são habitualmente aceitas, transformando-as em outras tantas interrogações fundadoras*. (p. 199).

Claudia Castro, inspira-se em ensaio benjaminiano datado de 1932, as chamadas “pequenas notas de Ibiza”, para afirmar que “A doutrina das semelhanças” permanece como guia necessário à compreensão do seu pensamento. Utilizando-se deste ensaio para abrir a discussão sobre a “faculdade mimética”, a autora, a partir do fragmento “*A arte de caçar borboletas*”, título do seu texto, adentra a obra de Benjamin, inspirada pela idéia de que neste fragmento o mimetismo da criança guarda a linguagem e a fisionomia do mundo. É no desejo do menino em assumir a essência da borboleta que o pensamento de Benjamin evoca uma experiência, não da materialidade, mas das forças da vida que não se deixam ver, mas que se tornam visíveis na medida em que ganham expressão lingüística. Castro, em uma profunda reflexão sobre a idéia de infância em Benjamin, a considera radical, pois provoca entre outras coisas, um esfacelamento das significações habituais da linguagem, além de uma *dês-semantização das coisas e das relações*. (p.215).

Também atravessada por esta idéia Patrícia Corsino, em seu ensaio “*Infância e de linguagem em Walter Benjamin: reflexões para a educação*” revisita os ensaios “Rua de mão única”, “Infância berlinense”, “Imagens do pensamento”, “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana”, “Problemas de Sociologia da linguagem”, e “O Narrador”, e vai construindo argumentos que mostram como as reflexões de Benjamin sobre infância e linguagem contribuem para se pensar o sujeito e a educação, não só no que se refere a prática pedagógica cotidiana, mas também na

pesquisa com crianças e suas interações. Ao apresentar o conceito de linguagem adâmica em Benjamin, Corsino discute a essência da lingüística do homem como aquela que reside no fato de ele designar as coisas. A idéia de que as coisas falam ao homem desde a infância, é compartilhada nesse texto com o pensamento de outros autores como Paulo Freire e Pasolini. Como Cláudia Castro, Patrícia Corsino, recupera a discussão sobre linguagem mimética, encontrada no texto “A doutrina das semelhanças”, entretanto, situando-a na magia do brincar, na magia da leitura, e no tempo necessário para se deixar emergir as essências dos elementos, ou seja, um tempo próprio da infância.

Dando continuidade, Márcia Cabral em seu texto: *Infância: apontamentos sobre experiência e formação*, aproxima Walter de Benjamin de Graciliano Ramos. Enfatizando a leitura literária rememorada por Graciliano Ramos, em sua obra *infância*, em consonância com as questões filosóficas trazidas por Benjamin, em seus ensaios “Rua de mão Única” e “Infância em Berlim, por volta de 1900”, a autora propõe uma reflexão sobre experiência relacionada à cultura infantil e suas contribuições para a formação da criança na contemporaneidade. Cabral vai apontado para o leitor como estes dois autores ao recuperar fragmentos de sua infância apontam para uma reflexão sobre o conceito de memória, o trabalho de rememoração e sua tensão com um passado em aberto. O passado aqui, tal como sugerido por Benjamin, não é recuperado de fato, da maneira mesma como aconteceu, pois como afirma a autora *O trabalho com a memória pode ser lido para além do estritamente individual e do nostálgico*. (p.247).

O texto de Rita Ribes, “*A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin*” é uma retomada à questão da dimensão política da técnica e sua relação com a cultura. A partir de fragmentos dos programas de rádio dedicados às crianças que Benjamin apresentou entre 1927 e 1933, a autora problematiza a nova experiência de produção cultural e recepção que nasceu junto com a invenção do rádio, posto que os processos subjetivos passaram, então, a serem construídos de maneira socializada ou massificada. Nas narrativas radiofônicas de Benjamin, é possível identificar os desafios postos pela técnica e como ele mesmo fazia para enfrentá-los e alcançar seus interlocutores: as crianças. Tomando a infância como alegoria para apontar o inacabamento do homem, Benjamin assumia em suas palestras radiofônicas a responsabilidade de falar às crianças sobre o mundo a partir de uma representação clara e compreensível, possibilitando que adultos e crianças construíssem experiências compartilhadas e, com isso, dirigindo críticas à escola e à atuação de adultos e pedagogos. Pelo rádio, Benjamin se propunha a tocar o coração das crianças sem ser “infantil”, sendo, apenas, sincero em seu propósito de instigá-las a reconhecer que a história é um processo social, cultural, econômico e político.

A idéia de escrita enquanto experiência da linguagem é a discussão que atravessa o texto de Pedro de Andrade “*Infância de linguagem ou linguagem da infância: a história do pensamento de Benjamin*”. Retomando o relato “*A arte de calçar borboletas*”, o autor reconstrói o pensamento de Benjamin, resgatando o lugar decisivo da linguagem quando se está na experiência com ela. *Nem nós nem o próprio Benjamin estamos naquele instante de meninice a que o texto se refere, mas no próprio texto. É a infância presente na escrita da linguagem que temos*. (p.285). O autor, a partir da leitura dos ensaios de Benjamin que tratam da infância, esclarece que para ele, falar da infância é buscar dentro da própria linguagem, o contato com uma experiência da linguagem diferente da que se tem usualmente. A linguagem então, seria uma forma de percorrer a infância, de fazer uma experiência com ela. A infância enquanto um passado que sempre se mostra da perspectiva do presente.

O texto “*Educação a contrapelo*”, escrito por Sonia Kramer, fecha o livro. A autora faz uma retomada cuidadosa das principais questões do pensamento de Walter Benjamin. À luz dos seus ensaios e fragmentos traz uma reflexão sensível sobre a educação e a prática pedagógica e apresenta para o leitor uma gama de possibilidades de se trabalhar a educação e a infância, a partir das diferentes perspectivas disciplinares oferecidas pela obra deste importante pensador alemão. A partir do prisma proposto pela autora, *Escovar a contrapelo* exige mudanças concretas dentro da escola e para tanto, acreditamos, seria necessário lançar-lhe um olhar para além do que está aparente, olhar nas dobras, no avesso. Kramer, guiada pela perspectiva benjaminiana, evoca algumas alternativas pedagógicas que conduzem o leitor a refletir, em sua companhia, sobre as questões que perpassam o campo da educação, atualmente. Assim, olhar nas dobras significa, como bem coloca a autora, reconhecer a necessidade de tomar a narrativa como uma possibilidade de se rever as interações entre adultos e crianças, e junto a isso está a necessidade de crianças e adultos assumirem seus lugares de autores da história e da cultura, resgatar o lugar da arte, olhar a criança enquanto ser histórico.

Como se pode perceber, os ensaios reunidos neste valioso livro, embora apresentem diferentes apropriações por parte dos seus autores, comportam uma dimensão de complementaridade e entrecruzamento, pois retomam aqui e ali temas caros ao pensador, com diferentes perspectivas que, entretanto, guiam o leitor pelos itinerários filosóficos, históricos, políticos, estéticos e metodológicos de Benjamin, configurando esta uma obra preciosa, não somente por que reúne em um único livro um rico acervo de discussões epistemológicas, mas também, por que em seu rigor teórico torna-se leitura indispensável àqueles que buscam um mergulho mais profundo na obra de Walter Benjamin.